

INDICADOR NACIONAL DE ALFABETISMO FUNCIONAL

Um diagnóstico para a inclusão
social pela educação

INSTITUTO
PAULO MONTENEGRO

ação do IBOPE pela educação



Ação Educativa

PRIMEIROS RESULTADOS
D E Z E M B R O 2 0 0 1

São Paulo, 13 de dezembro de 2001

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO

Instituto Paulo Montenegro: Fabio Montenegro

Ação Educativa: Vera Masagão

IBOPE Opinião: Marcia Cavallari

CONSULTORES

Angela Kleiman [Unicamp]

Antônio Augusto Gomes Batista [UFMG]

Isabel Infante [Chile / Consultora da UNESCO / Orealc e Ministério da Educação do Chile]

Jean Hébrard [França / École des Hautes Etudes em Sciences Sociales]

José Carmelo Braz de Carvalho [PUC / RJ]

Léa Debresbiteris [Senai]

Luiz Percival Britto [Associação de Leitura do Brasil]

Magda Soares [UFMG]

Marco Antônio Souza Aguiar [Grupo IBOPE]

Margareth Watanabe [Inep]

Marta Kohl de Oliveira [USP]

EQUIPE TÉCNICA

Claudia Vóvio [Ação Educativa]

Georgina Michalski [IBOPE]

Helio Gastaldi [IBOPE]

Mauricio Garcia [IBOPE]

Marcílio Souza [IBOPE]

Mayra Moura [Ação Educativa]

Vera Marchesi [IBOPE]

Waldemar Montes [IBOPE]

FALE CONOSCO

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO

Fone: 3066.1758

Email: ipm@ibope.com.br

Site: www.ipm.org.br

AÇÃO EDUCATIVA

Fone: 3151.2333

Email: acaoeduca@acaoeducativa.org

Site: www.acaoeducativa.org

IBOPE OPINIÃO

Fone: 3066.1757

Email: opp@ibope.com.br

Site: www.ibope.com.br

RESUMO

O INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, instituição sem fins lucrativos vinculada ao IBOPE, divulga os resultados da *Primeira Pesquisa Nacional sobre o Alfabetismo Funcional* realizada em parceria com a ONG AÇÃO EDUCATIVA. O estudo é o primeiro de uma série que constituirá um Indicador Nacional sobre Alfabetismo Funcional.

O CONCEITO DE ALFABETISMO FUNCIONAL

A definição sobre o que é analfabetismo vem, ao longo das últimas décadas, sofrendo revisões significativas, como reflexo das próprias mudanças sociais. Em 1958, a UNESCO definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler e escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Vinte anos depois, a UNESCO sugeriu a adoção dos conceitos de analfabetismo e alfabetismo funcional. É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Seguindo recomendações da UNESCO, na década de 90, o IBGE passou a divulgar também índices de analfabetismo funcional, tomando como base não a auto-avaliação dos respondentes mas o número de séries escolares concluídas. Pelo critério adotado, são analfabetas funcionais as pessoas com menos de 4 anos de escolaridade.

UM NOVO INDICADOR PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

Mas será que quatro anos de escolaridade garantem o alfabetismo funcional? Na verdade o conceito é relativo, pois depende das demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade.

Na América do Norte e na Europa, tomam-se oito ou nove anos como patamar mínimo para se atingir o alfabetismo funcional. Nas últimas décadas, esses países começaram a realizar pesquisas amostrais para verificar os níveis de habilidades e usos da leitura e da escrita na população adulta.

Na América Latina, o problema tem características específicas e mais complexas, entretanto, a disponibilidade de informações baseadas em pesquisas extensas é muitíssimo mais reduzida.

A iniciativa de fazer um levantamento nacional sobre o alfabetismo dos jovens e adultos é inédita no Brasil. Seu objetivo é gerar informações que ajudem a dimensionar e compreender o problema, fomentem o debate público sobre ele e orientem a formulação de políticas educacionais e propostas pedagógicas.

PRIMEIROS RESULTADOS DA PESQUISA EM 2001

A Pesquisa Nacional sobre o Alfabetismo Funcional, realizada pelo IBOPE em setembro, utilizou uma amostra nacional com 2000 pessoas de 15 a 64 anos. Para possibilitar uma compreensão aprofundada sobre o alfabetismo funcional, a metodologia desenvolvida para a pesquisa procurou abarcar seus diversos aspectos. As habilidades de leitura e escrita da população foram verificadas diretamente por meio da aplicação de um teste. Além disso, coletaram-se minuciosas informações sobre os usos que as pessoas fazem dessas habilidades em diversos contextos: doméstico, do trabalho etc. Finalmente, todas essas informações puderam ser complementadas pelo levantamento das opiniões dos próprios sujeitos quanto às suas capacidades e disposições em relação à leitura e a escrita.

De acordo com os resultados do teste, 9% da população brasileira na faixa de 15 a 64 anos de idade encontra-se na situação de analfabetismo. As pessoas alfabetizadas, por sua vez, foram classificadas em três níveis de alfabetismo:

- ◆ As pessoas de nível 1 (31% do total da população estudada) conseguem retirar uma informação explícita em textos muito curtos, como títulos ou anúncios, cuja configuração auxilia o reconhecimento do conteúdo solicitado.
- ◆ As pessoas de nível 2 (34% do total), além de possuir a habilidade acima descrita, conseguem também localizar uma informação não explícita em textos de maior extensão, por exemplo, pequenas matérias de jornal.
- ◆ As pessoas de nível 3 (26% do total) mostram-se capazes de ler textos mais longos, podendo orientar-se por subtítulos, além de comparar textos, localizar mais de uma informação, estabelecer relações entre diversos elementos do texto e realizar inferências.

As práticas de leitura e escrita variam nesses três grupos assim como suas disposições e julgamentos quanto a suas capacidades de leitura e escrita.

No conjunto da população estudada, verificou-se que 37% não lêem no ambiente do trabalho e 41% não escrevem; 38% afirmam ler jornal pelo menos uma vez por semana e só 17% usam computador ainda que eventualmente.

Do conjunto da população estudada 61% avaliam não ter nenhuma dificuldade para ler e 64% nenhuma dificuldade para escrever.

CONCLUSÕES

A pesquisa sobre o alfabetismo funcional no Brasil revela um país onde a cultura letrada está amplamente disseminada, mas de forma muito desigual. Da população alfabetizada, um contingente significativo utiliza as habilidades de leitura e escrita em contextos restritos e, conseqüentemente, demonstra habilidades mais restritas no teste de leitura e escrita.

Apesar de todos os níveis de alfabetismo serem funcionais – ou seja, úteis para enfrentar pelo menos algumas das demandas do cotidiano –, só os que se classificam no nível 3 – 26% do total da população – apresentam domínio pleno das habilidades avaliadas, fazendo usos mais intensos e diversificados da leitura e da escrita em vários contextos.

A escolaridade é fator decisivo na promoção do alfabetismo da população. A pesquisa mostrou que, só entre as pessoas que cursaram até a 8ª série ou mais, os percentuais daquelas classificadas nos níveis 2 e 3 de alfabetismo ultrapassam a marca dos 80%. Além da escolaridade, o nível de renda também está correlacionado ao de alfabetismo.

As desigualdades que se verificam nos níveis de alfabetismo nas diferentes regiões do país, entre pessoas de diferentes raças e entre homens e mulheres podem ser diminuídas por uma melhor distribuição das oportunidades educacionais.

Dois terços dos entrevistados afirmam que gostam de ler para se distrair, índice que aumenta junto aos subgrupos mais jovens, que têm acesso a uma escolaridade mais longa e mais recente que a dos mais velhos.

Alfabetismo Funcional

A INICIATIVA

Criado pelo IBOPE no ano 2000, o Instituto Paulo Montenegro é uma entidade sem fins lucrativos direcionada para a execução de projetos sociais na área de educação.

O Instituto definiu como um de seus objetivos estratégicos a realização de uma pesquisa anual sobre o Alfabetismo Funcional para subsidiar a criação e manutenção do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional.

Para viabilizar o projeto, o Instituto Paulo Montenegro, firmou parceria estratégica com a Ação Educativa, uma organização não-governamental com renomada experiência em educação.

Como primeiro passo para a criação do indicador, essas instituições realizaram em fevereiro de 2001 um seminário internacional sobre o tema, reunindo consultores estrangeiros, especialistas em pesquisa e lideranças dos campos da educação, cultura e comunicação, com o objetivo de discutir a relevância social e educacional do indicador.

Nessa ocasião, decidiu-se que o indicador deveria reunir informações não só sobre as capacidades de leitura e escrita da população, mas também sobre os usos da linguagem escrita em diversos contextos, além do julgamento das pessoas sobre suas capacidades e disposições.

O indicador será divulgado anualmente, de modo a possibilitar a verificação de mudanças nas condições de alfabetismo da população. A cada ano, podem variar os conjuntos de habilidades básicas a serem estudados. No primeiro levantamento, focalizam-se leitura e escrita, no segundo, conhecimentos matemáticos aplicados ao cotidiano, no terceiro, retoma-se o levantamento sobre leitura e escrita, de modo a estabelecer comparação com os dados do primeiro ano, e assim sucessivamente.

O CONCEITO DE ALFABETISMO FUNCIONAL: SUA RELEVÂNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL

A definição sobre o que é analfabetismo vem, ao longo das últimas décadas, sofrendo revisões significativas, como reflexo das próprias mudanças sociais. Em 1958, a UNESCO definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler ou escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Vinte anos depois, a UNESCO sugeriu a adoção do conceito de alfabetismo funcional. É considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escri-

ta para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Em todo o mundo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura e escrita. A questão não é mais apenas saber se as pessoas sabem ou não ler e escrever mas também o que elas são capazes ou não de fazer com essas habilidades. Isso quer dizer que, além da preocupação com o analfabetismo, problema que ainda persiste nos países mais pobres e também no Brasil, emerge a preocupação com o alfabetismo, ou seja, com as capacidades e usos efetivos da leitura e escrita nas diferentes esferas da vida social.

A capacidade de utilizar a linguagem escrita para informar-se, expressar-se, documentar, planejar e continuar aprendendo ao longo da vida é um dos principais legados da escola. A toda a sociedade e, em especial, aos educadores e responsáveis pelas políticas educacionais, interessa saber em que medida os sistemas escolares vêm respondendo às exigências do mundo moderno em relação ao alfabetismo e, além da escolarização, que condições são necessárias para que todos os jovens e adultos tenham oportunidades de continuar a se desenvolver pessoal e profissionalmente.

No meio educacional brasileiro, letramento é o termo que vem sendo usado para designar esse conceito de alfabetismo, que corresponde ao literacy do inglês ou ao *littératie*, do francês.

A MEDIÇÃO DO ANALFABETISMO E DO ALFABETISMO FUNCIONAL NO BRASIL

No Brasil, contamos com estatísticas oficiais sobre o analfabetismo desde o final do século XIX. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apura esse índice com base na auto-avaliação da população recenseada sobre sua capacidade de ler e escrever. Ao longo do século XX, as taxas de analfabetismo entre os brasileiros com 15 anos ou mais vieram decrescendo paulatinamente.

TAXAS DE ANALFABETISMO ENTRE PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS

(BRASIL, 1920-1999)

1920	65%
1940	56%
1960	40%
1980	26%
1999	13%

Fonte: IBGE. Censos demográficos e PNAD 1999.

Seguindo recomendações da UNESCO, na década de 90, o IBGE passou a divulgar também índices de analfabetismo funcional, tomando como base não a auto-avaliação dos respondentes mas o número de séries escolares concluídas. Pelo critério adotado, são analfabetas funcionais as pessoas com menos de 4 anos de escolaridade.

TAXAS DE ANALFABETISMO FUNCIONAL
PESSOAS COM 15 ANOS OU MAIS
COM MENOS DE 4 ANOS DE ESTUDO

(BRASIL, 1992-1999)	
1992	37%
1997	32%
1999	29%

Fonte: IBGE. Censos demográficos e PNAD 1999.

TER CURSADO ATÉ A QUARTA SÉRIE GARANTE O ALFABETISMO FUNCIONAL?

O conceito de alfabetismo funcional é relativo, pois depende das demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade. É por isso que, enquanto nos países pobres se toma o critério de 4 séries escolares cursadas, na América do Norte e na Europa, toma-se 8 ou 9 séries como patamar mínimo para se atingir o alfabetismo funcional.

Mesmo já tendo estendido a escolaridade de 8 ou até 11 séries para praticamente toda a população, muitos países norte-americanos e europeus estão preocupados com o nível de alfabetismo da população, tendo em vista, principalmente, as exigências de competitividade no mercado globalizado. Nas últimas décadas, esses países começaram a realizar pesquisas amostrais para verificar os níveis de habilidades e usos da leitura e da escrita na população adulta.

Na América Latina e no Brasil em particular o problema tem características específicas e mais complexas, entretanto, a disponibilidade de informações baseadas em pesquisas extensas é muitíssimo mais reduzida. Aqui, temos que enfrentar ao mesmo tempo problemas novos e os antigos. Por um lado, é preciso elevar a qualificação da força de trabalho em todos os níveis, tendo em vista a participação nos setores de ponta da economia mundializada e o fortalecimento das instituições democráticas; por outro lado, tem-se ainda que enfrentar problemas graves relacionados ao subdesenvolvimento – grandes déficits de escolarização fundamental, níveis elevados de desigualdade e exclusão social.

A necessidade de contar com informações confiáveis para enfrentar esses desafios é que motivou a criação de um Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional.

O Indicador

POR QUE UM INDICADOR NACIONAL DE ALFABETISMO FUNCIONAL?

A iniciativa de fazer um levantamento nacional sobre o alfabetismo dos jovens e adultos é inédita no Brasil. Seu objetivo é gerar informações que ajudem a dimensionar e compreender o problema, fomentem o debate público sobre ele e orientem a formulação de políticas educacionais e propostas pedagógicas.

- ◆ Quais são as habilidades de leitura e escrita exigidas na vida cotidiana, no universo do trabalho e da participação social e política?
- ◆ Quantos anos de escolaridade e que tipo de ação educacional garantem níveis satisfatórios de alfabetismo?
- ◆ Que outras condições favorecem o desenvolvimento de tais habilidades ao longo da vida?
- ◆ Que regiões ou subgrupos da população encontram-se em desvantagem e mereceriam atenção especial?
- ◆ Quais seriam as melhores estratégias para elevar as condições de alfabetismo da população?

Respostas a perguntas como essas podem orientar políticas, currículos e metodologias de ensino da educação básica. São úteis também para o desenho de políticas de educação continuada que garantam oportunidades de auto-desenvolvimento e qualificação profissional a todos os cidadãos.

A PESQUISA NACIONAL SOBRE O ALFABETISMO FUNCIONAL EM 2001: METODOLOGIA E INSTRUMENTOS

A pesquisa, realizada pelo IBOPE em setembro, utilizou uma amostra nacional com 2000 pessoas de 15 a 64 anos. Essa amostra foi definida pelos especialistas do IBOPE, com base num amplo conjunto de informações sobre a população alvo de que o instituto dispõe, considerando ainda as necessidades específicas do estudo.

Para verificação das capacidades de alfabetismo da população, foi aplicado um teste contendo tarefas relacionadas a contextos e objetivos práticos de leitura e escrita considerados mais relevantes. O teste com-

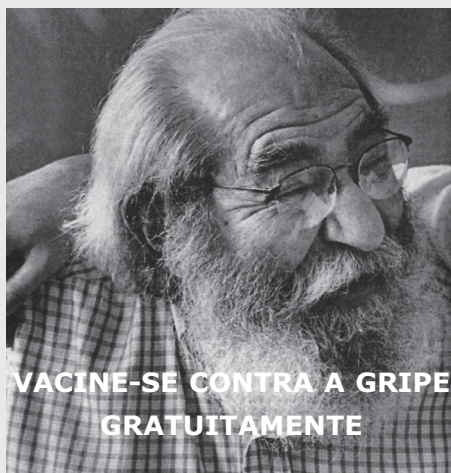
preendeu 20 tarefas de complexidade variada, desde a localização de uma informação simples num texto curto e familiar, até questões envolvendo textos mais longos e complexos, o estabelecimento de relações entre informações e a realização de inferências.

Além do teste, foi aplicado um questionário que levantou informações sobre o background familiar e educacional dos respondentes, sobre suas práticas de leitura e escrita em diversas esferas de vivência e também sobre o julgamento que fazem de suas próprias capacidades.

Para o teste foi elaborada uma revista de variedades similar às vendidas em banca. Veja a seguir alguns exemplos das tarefas e resultados do teste.

Uma das tarefas mais simples exige que o leitor identifique, num anúncio, a data de início de uma campanha de vacinação.

**Você
que já completou
60 anos**



**VACINE-SE CONTRA A GRIPE
GRATUITAMENTE**

Procure um posto de saúde
a partir de 23 de abril

Pergunta feita oralmente pelo entrevistador:

Qual o dia e mês em que inicia a vacinação?

Percentual de acertos: 87%

Outra tarefa consiste na leitura de uma carta breve, publicada na seção Cartas do Leitor, na qual se deve encontrar uma informação associada à pergunta de forma explícita.

Geladeira com defeito

Em 16 de agosto do ano passado, compramos na loja Marabá uma geladeira. A luz da geladeira veio queimada. Fizemos várias reclamações e até hoje não fomos atendidos. O que fazer?

ANDRÉA CRISTINA MENEGOSI
OURO VERDE DO OESTE – PR

Pergunta feita oralmente pelo entrevistador:

Que defeito apresentou a geladeira?

Percentual de acertos: 75%

A localização de informações numa notícia exige algum nível de inferência e o estabelecimento de relações entre elementos do texto.

Vazamento provoca deslizamento na Bahia

A Marinha e a Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa) vêm trocando acusações sobre a responsabilidade do acidente.

Salvador. O DEPARTAMENTO de Polícia Técnica da Bahia concluiu que foi mesmo o vazamento de um cano que provocou o deslizamento de terra no bairro da Barra, na semana passada.

“O acidente ocorreu por causa do vazamento no terreno da Marinha”, disse o delegado Ruy Pereira da Paz, da 1ª Delegacia, responsável pelo caso. Ele anunciou que a próxima etapa da investigação é saber se a ligação de água era clandestina.

“Se isso for comprovado, vamos buscar quem fez essa ligação”. O deslizamento atingiu três edifícios da Rua Marquês de

Caravelas, matando a engenheira Maria Janete Gonzaga de Araújo, a médica Lúcia Penteado e sua filha Alice, de 1 ano.

A Marinha e a Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa) vêm trocando acusações. Aparentemente, a ligação do cano de água na rede pública foi feita pela Marinha para abastecer apartamentos de oficiais no Morro do Gavaza. No entanto, o 2º Distrito Naval entende que o reparo de vazamento é de responsabilidade da Embasa. A estatal divulgou nota afirmando que a ligação estava localizada no terreno da Marinha e era clandestina.

Quantas pessoas morreram por causa do deslizamento?

Percentual de acertos: 58%

Segundo a Embasa, por que a Marinha seria responsável pelo acidente?

Percentual de acertos: 41%

Pouco menos que a metade dos entrevistados (45%) conseguem preencher corretamente um formulário simples, retirando as informações de uma carta endereçada e uma carteira de identidade.

PARTE 2

7. Ficha de indicação

Promoção

Atual

Indique um amigo para receber a revista

Preencha o formulário abaixo

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____ - _____

Data de nascimento: ____/____/____ RG: _____

ANTÔNIA DA SILVA
Rua Marco Aurélio, 320 - Vila Romana
São Paulo - SP
05048-000

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
SECRETARIA DE SEGURANÇA NACIONAL
INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO
11/22/1997/98
Antônia da Silva
José da Silva
E. Maria da Silva
S. PAULO - SP
12/JAN/1966
11/22/1997/98
N. 118927

Entre as tarefas que têm menores percentuais de acerto, encontram-se duas que exigem a consulta à programação de filmes na TV. Para realizá-las o leitor precisa comparar e selecionar mais de uma informação, de acordo com a condição estabelecida (filmes do sábado ou do domingo).

DIVIRTA-SE

FILMES PARA O FIM DE SEMANA

Sábado

16h00 no Canal 21

OS DONOS DA QUADRA
Direção de Randall Fried, com D. B. Sweeney e Michael Warren.
Treinador negro de basquete recebe ajuda de advogado branco para manter delinquentes fora das ruas através do esporte. Drama que defende a integração racial e o culto aos bons valores, com bom elenco que mantém o interesse em trama bastante simples. Trilha sonora marcada pelo Rap.

21h20 no SBT

LADRÃO DE CASACA
Direção de Alfred Hitchcock, com Cary Grant e Grace Kelly.
Na Riviera Francesa, série de roubos de jóias complica a vida de ex-ladrão famoso. Para provar sua inocência, ele precisa capturar o verdadeiro culpado. Diversão sofisticada, com o estilo inconfundível do diretor. Grace faz com muita elegância a garota por quem o ex-ladrão se apaixona. Um dos poucos filmes de Hitchcock a ganhar Oscar.

21h30 na Gazeta

O BARCO DO AMOR
Direção Ron Satlof, com Gavin MacLeod e Bernie Kopell.
Após assalto, quadrilha refugia-se num barco de turismo, sendo perseguida por detetive veterano. Telefilme aborrecido, com excesso de diálogos, repleto de personagens e tramas paralelas.

Domingo

14h10 na Bandeirantes

AMORES POSSÍVEIS
Direção de Sandra Werneck, com Murilo Benício e Carolina Ferraz.
A diretora de Pequeno Dicionário Amoroso volta às telas com mais uma comédia dramática sobre relacionamentos, só que, desta vez, o amor entre duas pessoas é apresentado em três versões diferentes. São três possibilidades de romance, três destinos diferentes para as vidas de Carlos e Júlia.

21h45 na Globo

A HORA DO PESADELO
Direção de Wes Craven, com John Saxon e Ronnee Blakely.
O primeiro filme da série sobre o assassino de cara derretida e unhas afiadas que irrompe no sonho de adolescentes, matando-os. Freddy Krueger fez tanto sucesso de público que apareceu em mais quatro filmes.

23h30 na Cultura

DUPLA MORTÍFERA
Direção de James Sabartdelli, com Sam Jones e Vanessa Williams.
Policial investiga a morte do irmão. Descobre que ele estava envolvido com contrabandistas de armas e ladrões de plutônio. Apaixona-se pela advogada dos criminosos e, com a ajuda dela, atinge seu objetivo. O filme tem excesso de violência e efeitos especiais que deixam o espectador aturdido, sem tempo de perceber que tudo é uma imensa bobagem.

Que filmes vão passar Domingo à noite?

Percentual de acertos: 37%

No Sábado, qual filme tem o comentário menos favorável?

Percentual de acertos: 36%

Principais resultados da pesquisa em 2001

SÓ 26% DA POPULAÇÃO DEMONSTRA DOMÍNIO PLENO DAS HABILIDADES TESTADAS

Com base nos resultados do teste de leitura aplicado à amostra, apura-se que 9% da população entre 15 e 64 anos encontra-se na situação de analfabetismo absoluto. As pessoas alfabetizadas são classificadas em três níveis de alfabetismo, de acordo com seu desempenho no teste.

CLASSIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A CONDIÇÃO DE ALFABETISMO

<i>Analfabetismo</i>	9%
<i>Alfabetismo – nível 1</i>	31%
<i>Alfabetismo – nível 2</i>	34%
<i>Alfabetismo – nível 3</i>	26%

O ANALFABETISMO

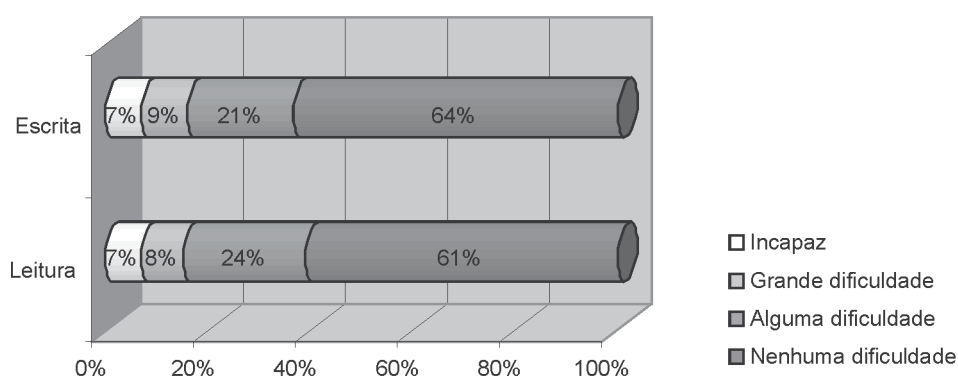
A maioria das pessoas classificadas como analfabetas (9% do total da amostra) não acerta nenhum dos itens do teste. Algumas, entretanto, conseguem responder um ou dois itens mais simples, que não exigem decifração das letras. Por exemplo, 39% desse grupo consegue apontar o nome da revista na capa da publicação utilizada na testagem; 23% localizam no cartaz de vacinação o número que indica a idade mínima para se tomar vacina gratuitamente.

A maioria dessas pessoas (54%) não têm escolaridade, mas 39% completaram de uma a três séries do primário. Quase todos pertencem às classes D/E (91%), 79% moram em municípios do interior, 43% no Nordeste e 29% no Sudeste. A faixa etária predominante nesse grupo é a de 35 a 49 anos de idade (38%), 14% têm entre 25 e 34 anos e 10% entre 15 e 24. Das pessoas na condição de analfabetismo, 57% são homens, 43% mulheres.

Confrontadas com a mesma pergunta utilizada no Censo – O(A) Sr(a) sabe ler e escrever? – 21% dessas pessoas afirmam que sim, mesmo não tendo demonstrando essas habilidades no teste.

O julgamento que as pessoas fazem de suas habilidades de leitura e escrita nem sempre corresponde ao seu desempenho no teste. A pesquisa apurou que 61% da população julga que não tem nenhuma dificuldade para ler e 64% nenhuma dificuldade para escrever. Entre as pessoas classificadas no teste como analfabetas, 62% se julgam incapazes de ler, 23% julgam que lêem com grande dificuldade e 9% que lêem com alguma dificuldade. Entre as pessoas alfabetizadas, muitas também julgam que tem alguma dificuldade para ler: 41% das pessoas com nível 1, 23% das pessoas com nível 2 e 12% das pessoas com nível 3.

AUTO-AVALIAÇÃO DAS CAPACIDADES
DE LEITURA E ESCRITA



O NÍVEL 1 DE ALFABETISMO

As pessoas que acertam de 3 a 9 itens do teste são classificadas no nível 1 de alfabetismo (31% do total da amostra). Esse grupo acerta com frequência os itens mais simples, conseguem localizar informações explícitas em textos muito curtos, cuja configuração auxilia o reconhecimento do conteúdo solicitado. É o caso do item relativo ao cartaz de vacinação (88% de acertos) e outros relativos ao reconhecimento dos títulos na capa da revista. O item da carta sobre a geladeira com defeito é realizado corretamente por 66% das pessoas desse grupo. Questões mais complexas têm percentuais muito mais baixos de acerto, por exemplo, apenas 19% conseguem responder quantas pessoas morreram lendo a notícia sobre o deslizamento de terra. O preenchimento do formulário só é realizado corretamente por 17% desse grupo, a identificação dos filmes que passariam domingo à noite, por apenas 5%.

Desse grupo, 89% não têm o ensino fundamental completo: 5% não têm escolaridade, 31% têm até três anos de escolaridade e 53% de 4 a 7 anos. Quanto à classe social, 70% pertencem às classes D/E e 26% à classe C. Quanto ao local de moradia; 46% estão no Sudeste e 30% no Nordeste. Nesse nível de alfabetismo encontra-se um índice importante de jovens: 19% têm de 15 a 24 anos, 23% têm de 25 a 34 anos, 31% têm de 35 a 54 anos. Deles, 53% são homens, 47% mulheres.

No ambiente de trabalho – excluindo o trabalho doméstico – 54% das pessoas desse grupo não lêem nenhum tipo de material e 19% lêem só um tipo. São 55% os que nada escrevem no trabalho e 28% os que escrevem só um tipo de documento. Desse grupo, 28% consideram que suas habilidades de leitura atrapalham suas oportunidades profissionais e 30% afirmam isso quanto à escrita.

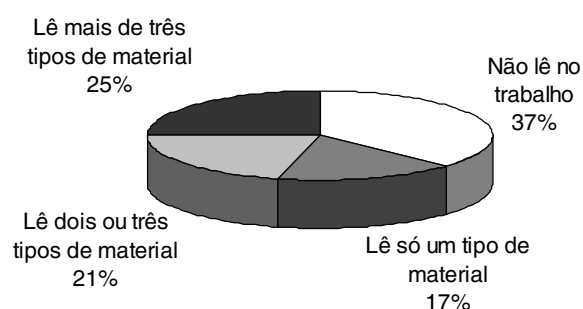
Só 4% de pessoas no nível 1 de alfabetismo utilizam computador pelo menos eventualmente, 24% afirmam ler jornais e 19% ler revistas pelo menos 1 vez por semana.

Mais da metade das pessoas com nível 1 de alfabetismo (61%) afirmam que gostam de ler para se distrair. Para esse fim, a maioria prefere livros sagrados ou religiosos (56%), jornais (45%) e revistas (36%).

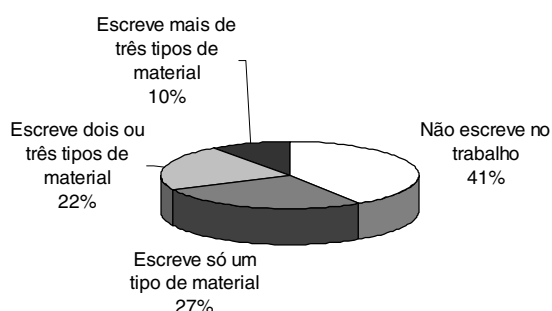
Quando confrontados com a pergunta do Censo – você sabe ler e escrever – 8% das pessoas no nível 1 de alfabetismo afirmam que não.

Com a aceleração do desenvolvimento tecnológico, aumentam as exigências de leitura e escrita no mundo do trabalho. Além de lidar com equipamentos sofisticados ou participar de contextos organizacionais mais complexos, os trabalhadores precisam constantemente se atualizar. No Brasil, entretanto, há ainda muitos postos de trabalho que impõem poucas exigências de leitura e escrita. Do conjunto da amostra, 37% nada lêem no trabalho, 41% nada escrevem. Dentre as pessoas com nível 1 de alfabetismo, são 54% as que nada lêem e 55% as que nada escrevem.

LEITURA NO TRABALHO



ESCRITA NO TRABALHO



O NÍVEL 2 DE ALFABETISMO

Corresponde às pessoas que acertam de 10 a 15 itens do teste. Conseguem com grande frequência localizar informações explícitas em textos curtos, por exemplo, 92% delas acertam o item da geladeira com defeito. Muitas conseguem também localizar informações em textos de extensão média, mesmo que a informação não esteja explícita, como no item sobre as mortes causadas

pelo deslizamento de terra, que tem índice de acertos de 79% junto a esse grupo. Itens que exigem localizar muitas informações, comparar vários elementos do texto, elaborar sínteses e fazer inferências já têm um índice de acertos muito menor: por exemplo, o preenchimento do formulário foi executado corretamente por 57% das pessoas desse grupo, só 37% delas conseguiu reconhecer o comentário menos favorável na programação de filmes.

Das pessoas com o nível 2 de alfabetismo, só 7% têm menos de 3 anos de escolaridade, 23% têm a 4ª série e 26% têm de 5 a 7 anos de escolaridade, 44% têm o ensino fundamental completo ou mais. Desse grupo, 47% pertencem às classes D/E e 38% à classe C. A maioria é jovem: 37% têm de 15 a 24 anos e 25% de 25 a 34 anos. As mulheres são 55% do grupo e os homens 45%.

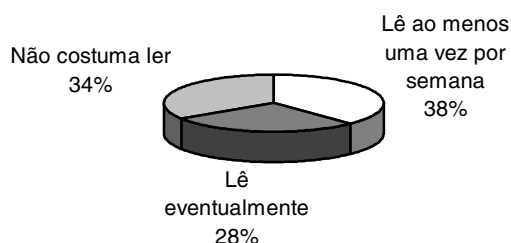
No ambiente de trabalho, 51% dessas pessoas lêem mais de um tipo de documento, 21% lêem apenas um tipo, 28% não lêem. Quanto à escrita nesse ambiente, 32% não a utilizam, 33% só escrevem um tipo de material e 35% escrevem mais de um tipo; 8% consideram que suas habilidades de leitura atrapalham suas oportunidades profissionais e 14% afirmam isso quanto à escrita.

Nesse grupo, só 15% declaram usar computador pelo menos eventualmente; 41% afirmam ler jornais e 31% ler revistas pelo menos uma vez por semana.

Três quartos das pessoas desse grupo afirmam que gostam de ler para se distrair e, para isso, preferem revistas (51%), jornais (41%) e livros sagrados ou religiosos (45%).

O jornal é a fonte de leitura mais disseminada entre os jovens e adultos estudados. As pessoas com níveis mais altos de alfabetismo costumam ler jornal com mais frequência, percorrendo também um maior número de seções. No conjunto da população, 38% afirmam ler jornal pelo menos uma vez por semana. Entre as pessoas com nível 2 de alfabetismo essa prática corresponde a 41%, contra 24% do nível 1 e 58% do nível 3.

LEITURA DE JORNAIS



O NÍVEL 3 DE ALFABETISMO

São classificadas no nível 3 de alfabetismo as pessoas que acertam de 16 a 20 itens do teste. Essas pessoas demonstram a capacidade de ler textos mais longos, podendo orientar-se pelos subtítulos, localizar nos textos várias informações de acordo com as condições estabelecidas, relacionar partes do texto, comparar dois textos, realizar inferências e sínteses. Deles, 81% realizam a tarefa do preenchimento do formulário corretamente; 80% conseguem, lendo a notícia sobre o deslizamento de terra, explicar o argumento da empresa estatal sobre a responsabilidade da marinha no acidente; 81% identificam os filmes que vão passar Domingo à noite e 79% o filme de Sábado que tem o comentário menos favorável.

Nesse grupo, predominam pessoas com escolaridade mais alta: 81% têm o ensino fundamental completo ou mais. As classes D/E são aqui minoritárias, correspondem a 28%, contra 34% das classes A/B e 38% da classe C. Os jovens de 15 a 24 anos são 44% desse grupo, 28% têm de 25 a 34 anos e outros 28% mais de 35 anos. Nesse nível de alfabetismo, 45% são homens e 55% mulheres.

Esse é o grupo que mais utiliza a leitura e a escrita no trabalho: 78% lêem mais de um tipo de material, 12% lêem só um tipo e só 10% não lêem nesse contexto. Quanto à escrita, 17% não a utilizam, 24% escrevem só um tipo de material e 59% mais de um tipo. Só 4% acreditam que suas habilidades de leitura limitam suas oportunidades profissionais e 9% acham isso a respeito da escrita.

Usam computador pelo menos eventualmente 41% desse grupo; 59% lêem jornal e 51% lêem revistas pelo menos 1 vez por semana.

Desse grupo, 87% afirmam que gostam de ler para se distrair; entre as leituras preferidas para esse fim, 59% indicam o jornal, 47% revistas e 42% livros (não religiosos).

Desde a invenção da escrita, a maior revolução nos meios de registro e processamento de informações aconteceu com o advento da informática. O uso de computadores, entretanto, é ainda muito restrito no Brasil, pois só 17% da população usa computadores ainda que eventualmente. Esse índice sobe para 41% entre pessoas com nível 3 de alfabetismo.

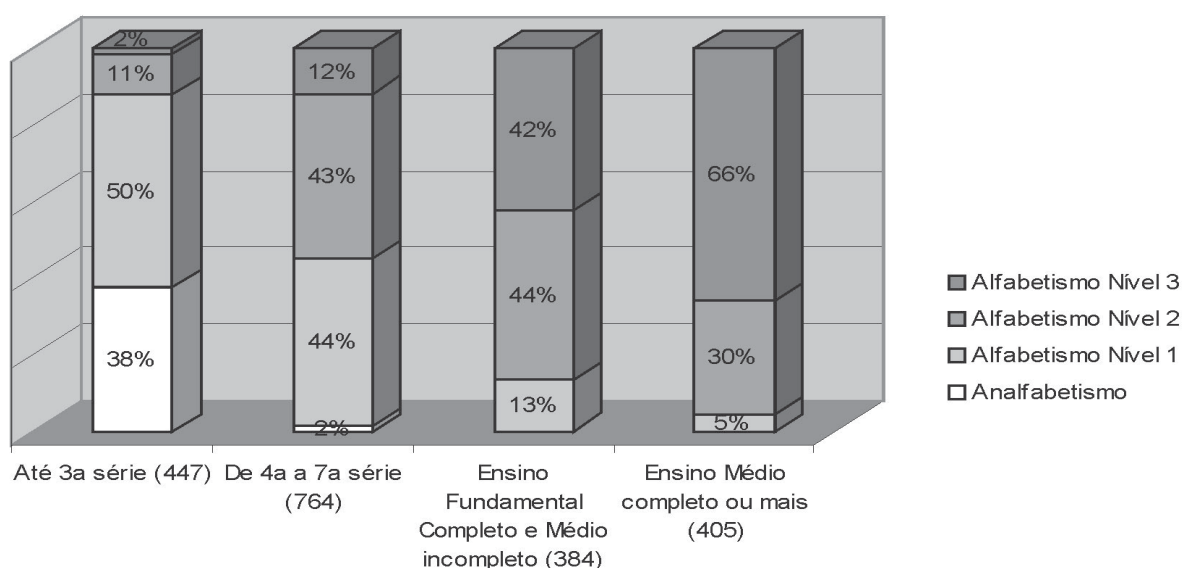
UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR



GRAU DE INSTRUÇÃO É DECISIVO NA DEFINIÇÃO DE NÍVEIS DE ALFABETISMO

Ainda que outros fatores possam influir nos níveis de alfabetismo da população, o grau de instrução é a variável mais decisiva. Entre as pessoas com menos de 4 anos de escolaridade, o analfabetismo é bastante significativo e a maioria dos alfabetizados não ultrapassa o nível 1. Esse nível também é significativo entre pessoas que têm de 4 a 7 anos de escolaridade. Só a partir do ensino fundamental completo que mais de 85% da população atinge os níveis 2 e 3 de alfabetismo.

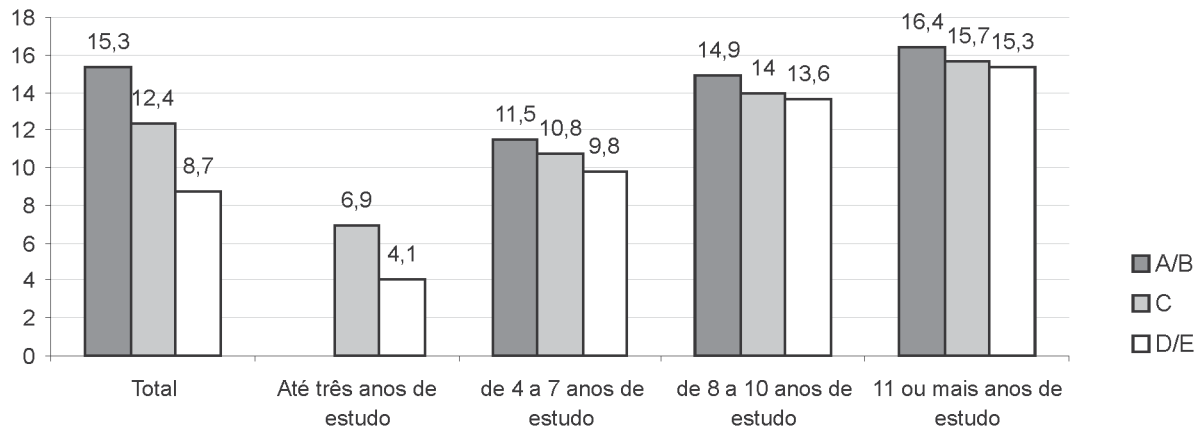
ALFABETISMO SEGUNDO OS ANOS DE ESTUDO



RENDA TAMBÉM ESTÁ CORRELACIONADA AO NÍVEL DE ALFABETISMO

Além da escolaridade, o poder aquisitivo também influi no nível de alfabetismo. Mesmo entre pessoas com o mesmo grau de instrução, as diferenças de renda correspondem a diferenças no desempenho em leitura no teste.

MÉDIA DE ACERTOS NO TESTE,
SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E A CLASSE
(Critério Econômico Brasil)

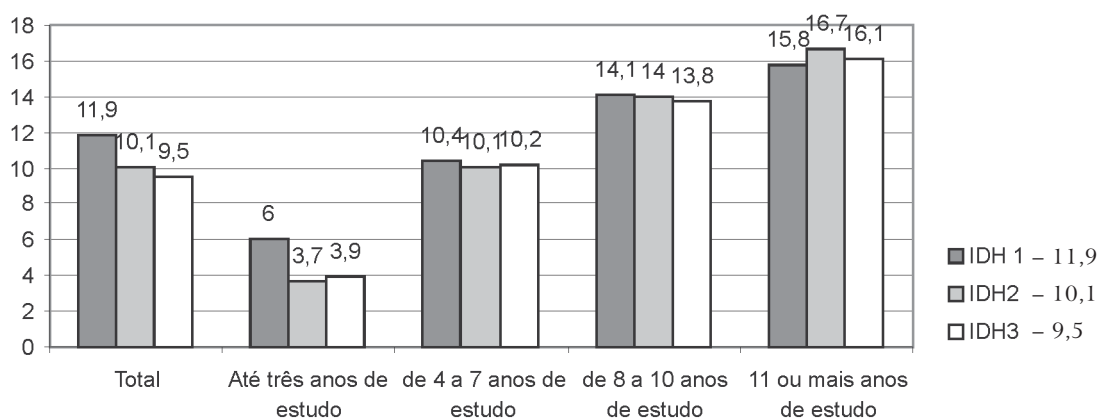


AS DESIGUALDADES REGIONAIS

Para analisar as desigualdades regionais com relação à distribuição do alfabetismo, tomou-se a divisão do país proposta pelo IPEA com base nos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) dos estados. A região IDH I ($IDH > 0,8$) reúne os estados da região Sul, mais São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e o Distrito Federal. A região IDH II ($0,7 < IDH < 0,8$) é formada por Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Roraima, Rondônia e Amapá. A região IDH III reúne todos os estados do Nordeste, mais Pará, Acre e Tocantins.

De forma geral, observam-se diferenças nos níveis de alfabetismo dessas regiões. Quando comparadas separadamente pessoas com o mesmo grau de instrução, as diferenças regionais diminuem, persistindo especialmente nos grupos com graus de instrução mais baixos. Isso pode se dever a fatores extra-escolares presentes nas regiões com maior IDH. Por exemplo, ambientes mais letrados – onde o uso da linguagem escrita é mais intenso – favorecem o desenvolvimento das capacidades de leitura das pessoas.

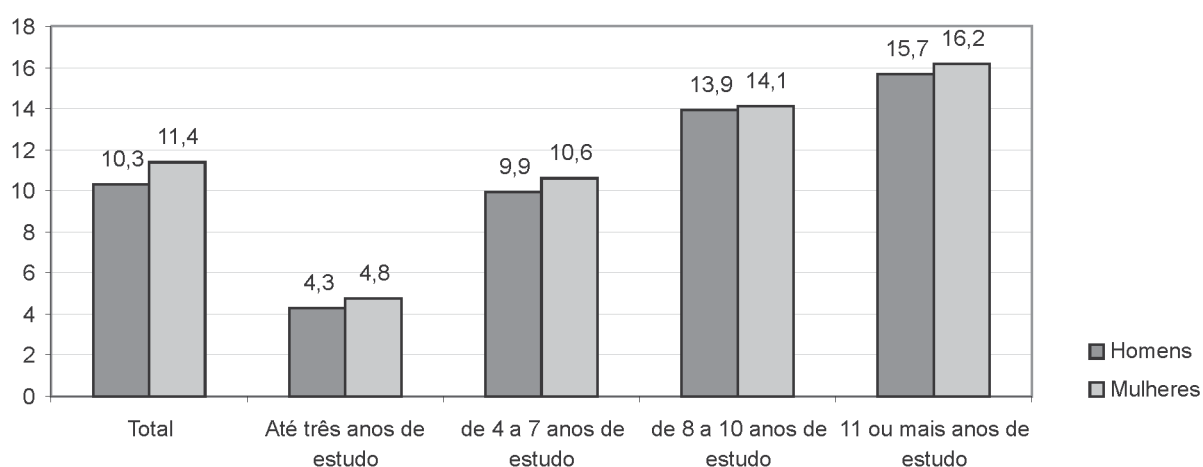
MÉDIA DE ACERTOS NO TESTE,
SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E A REGIÃO



RESULTADO DO TESTE REFLETE AVANÇO DA ESCOLARIDADE DAS MULHERES

Considerando o conjunto da amostra, as mulheres têm desempenho superior ao dos homens: 64% delas são classificadas nos níveis 2 e 3 de alfabetismo, contra 55% dos homens. Essa diferença reflete o avanço em nosso país da escolaridade das mulheres, que atualmente têm média de anos de estudo maior que a dos homens. Em grau bem menor, as diferenças persistem nos estratos com grau de instrução semelhante, confirmando tendência verificada em outros estudos sobre desempenho em leitura.

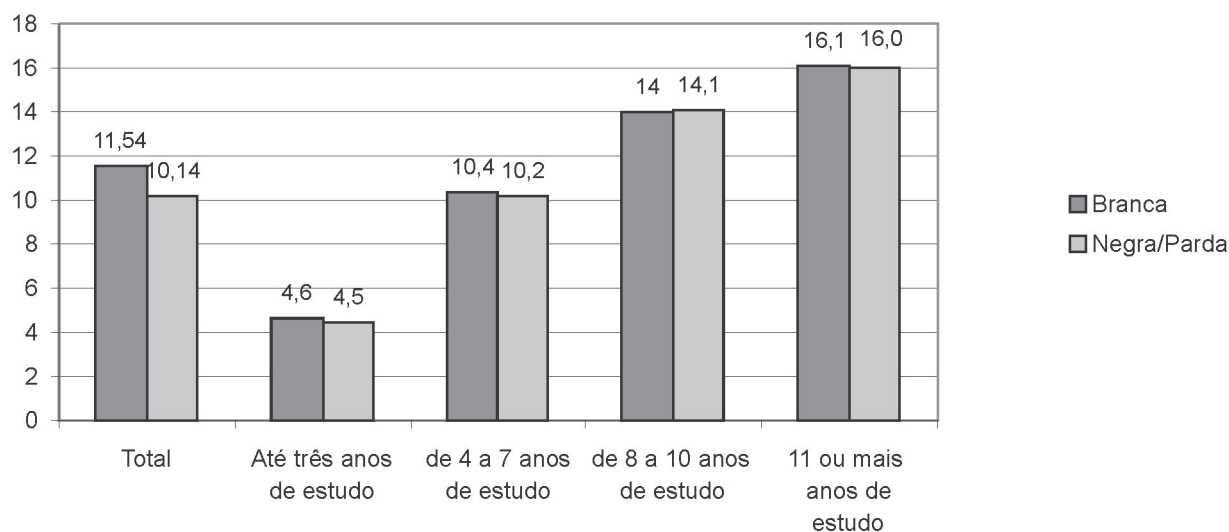
MÉDIA DE ACERTOS NO TESTE,
SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E O SEXO



DIFERENÇAS ENTRE PESSOAS NEGRAS OU PARDAS E BRANCAS DESAPARECEM NOS GRUPOS COM GRAU DE INSTRUÇÃO SEMELHANTE

Outra desigualdade educacional que se reflete nos níveis de alfabetismo da população é a que se verifica entre pessoas de diferentes raças. No conjunto da amostra, verificam-se diferenças entre os níveis de alfabetismo desses grupos, mas tais diferenças se tornam insignificantes quando a escolaridade é controlada. Por exemplo, no grupo com 8 a 10 anos de escolaridade, o índice de pessoas classificadas nos níveis 2 e 3 de alfabetismo é de 88% entre brancos e 87% entre negros e pardos. O gráfico abaixo ilustra as diferenças na média de acertos no teste.

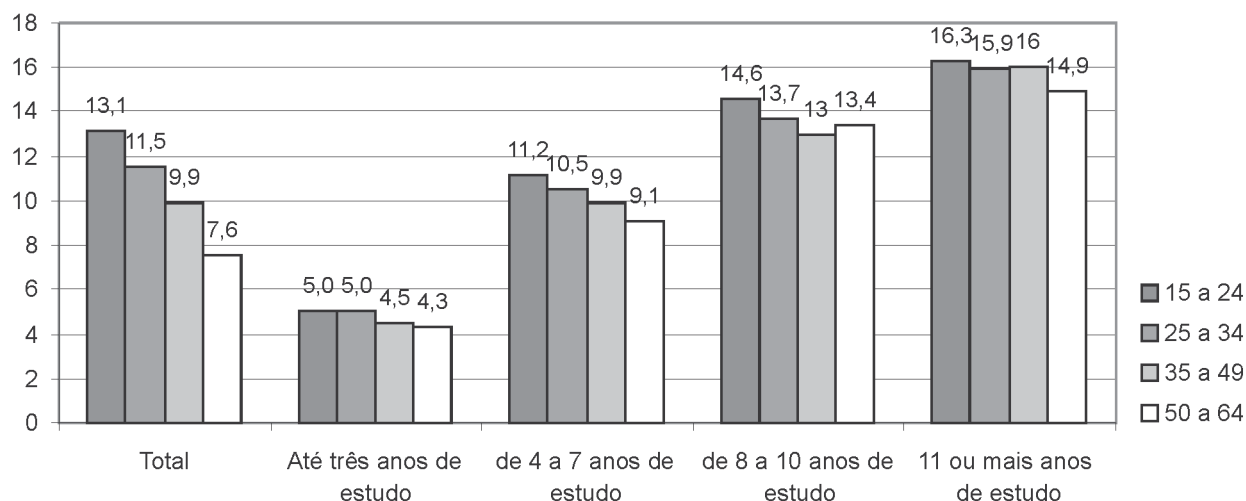
MÉDIA DE ACERTOS NO TESTE,
SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E A COR DECLARADA



DESEMPENHO DOS JOVENS É FAVORECIDO PELA ESCOLARIZAÇÃO MAIS LONGA E MAIS RECENTE.

No teste, os jovens têm desempenho significativamente melhor que os mais velhos. Isso se deve ao fato de que as gerações mais novas têm conseguido atingir níveis de instrução cada vez maiores. Mesmo entre grupos com o mesmo nível de instrução, a vantagem dos mais jovens permanece; eles se beneficiam também do fato de sua escolarização ser uma experiência atual ou recente. Entre os jovens de 15 a 24 anos, 53% estão estudando, contra 11% na faixa dos 25 a 34 anos, 5% dos da faixa 35 a 49 e 1% na dos 50 a 64 anos.

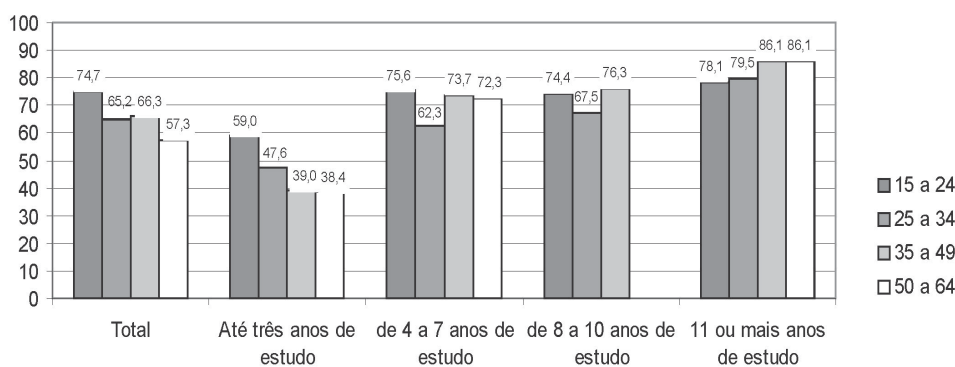
MÉDIA DE ACERTOS NO TESTE,
SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E A IDADE



OS JOVENS SÃO OS QUE COM MAIS FREQUÊNCIA AFIRMAM GOSTAR DE LER PARA SE DISTRAIR.

É bastante disseminado na sociedade e também nas escolas o julgamento de que os jovens não gostam de ler. Os resultados da pesquisa não confirmam essa idéia, mostram que as relações entre idade, instrução e gosto pela leitura são mais complexas. No conjunto da amostra, os jovens são os que com mais frequência afirmam gostar de ler para se distrair. Nos grupos de escolaridade mais baixa, os jovens ainda são os que em maior proporção declaram gostar de ler; a relação se inverte nos grupos com escolaridade mais alta. O gráfico abaixo, que ilustra essa tendência, mostra também como é maior o gosto pela leitura entre as pessoas com graus de instrução mais altos.

GOSTAM DE LER PARA SE DISTRAIR, SEGUNDO O GRAU DE INSTRUÇÃO E A IDADE (%)



O julgamento de que brasileiro não gosta de ler pode estar equivocado, pois apenas 30% dos respondentes afirmam não gostar de ler para se distrair. Para esse fim, as leituras mais mencionadas como preferidas são, nessa ordem, revistas, jornais, livros sagrados ou religiosos e outros livros.

Para a população com baixo poder aquisitivo, entretanto, o acesso a materiais de leitura é limitado: só 36% afirmam frequentar bibliotecas ou quaisquer outros espaços onde se emprestam livros, e apenas 33% têm onde tomar emprestados revistas e jornais.

GOSTO PELA LEITURA COMO DISTRAÇÃO



Conclusões e recomendações

A pesquisa sobre o alfabetismo funcional no Brasil revela um país onde a cultura letrada está amplamente disseminada, mas de forma muito desigual. Da população alfabetizada, um contingente significativo utiliza as habilidades de leitura e escrita em contextos restritos e demonstra habilidades mais restritas no teste de leitura e escrita.

Apesar de todos os níveis de alfabetismo serem funcionais – ou seja, úteis para enfrentar pelo menos algumas das demandas do cotidiano –, só os que se classificam no nível 3 – 26% do total da população – apresentam domínio pleno das habilidades avaliadas, fazendo usos mais intensos e diversificados da leitura e da escrita em vários contextos.

A escolaridade é o fator decisivo na promoção do alfabetismo da população. A pesquisa revela como os déficits educacionais se traduzem em desigualdades quanto ao acesso a vários bens culturais, oportunidades de trabalho e desenvolvimento pessoal que caracterizam as sociedades letradas.

Se necessário um indicador único relativo a anos de escolaridade para dimensionar o alfabetismo funcional da população, mais apropriado seria que 8 anos de escolaridade fossem considerados como mínimo para se atingir essa condição. A pesquisa mostrou que os percentuais de pessoas nos níveis 2 e 3 de alfabetismo ultrapassam a marca dos 80% só entre aquelas com 8 anos de escolaridade ou mais. Oito anos de escolaridade também correspondem ao ensino fundamental completo, grau educacional que a Constituição do país determina como direito de todos os cidadãos, independentemente da idade, e cuja oferta gratuita é obrigação do estado.

Além das diferenças educacionais, diferenças quanto à renda também influenciam os níveis de alfabetismo. As desigualdades que se verificam nos níveis de alfabetismo nas diferentes regiões do país, entre pessoas de diferentes raças e entre homens e mulheres podem ser diminuídas por uma melhor distribuição das oportunidades educacionais.

Diferente do que muitos acreditam, os brasileiros de uma forma geral e os jovens em particular não são avessos a leitura. Dois terços dos entrevistados afirmam que gostam de ler para se distrair, índice que aumenta junto aos subgrupos mais jovens, que têm acesso a uma escolaridade mais longa.

O Brasil tem ainda muito o que investir na promoção do acesso gratuito a materiais escritos, não só livros, mas também revistas e jornais.

É preciso que os professores tenham uma visão mais clara sobre o papel crucial da escola na promoção do alfabetismo, ou no letramento das pessoas e da sociedade. A leitura e a escrita não podem ser objeto de atenção apenas dos professores alfabetizadores e de Língua Portuguesa. Como ferramenta essencial para se aprender grande parte dos conteúdos escolares e para continuar

aprendendo ao longo da vida, a linguagem escrita pode ser tomada como um eixo articulador de todo o currículo da educação básica. As leituras de professores e estudantes não devem se limitar ao livro didático. Uma infinidade de suportes de escrita, como jornais, revistas ou computadores e ainda uma variedade enorme de tipos de texto – de uma etiqueta de preço a um balanço de contabilidade, de um simples bilhete a um tratado de filosofia – fazem parte da cultura letrada na qual os estudantes precisarão participar com autonomia e flexibilidade.